

# Assim eles comiam a terra: uma etnografia coletiva da destruição da floresta

*Luciana Keller Tavares*

Doutoranda em Antropologia Social na Universidade de  
Brasília e consultora no Ministério dos Povos Indígenas.

E-mail: [lucyykt@gmail.com](mailto:lucyykt@gmail.com)

ORCID: [orcid.org/0009-0002-2640-1403](https://orcid.org/0009-0002-2640-1403)



## Resumo

A presente resenha analisa a obra *Diários Yanomami: Testemunhos da destruição da floresta*, organizada por Corrado Dalmonego, Estevão Senra e Alcida Ramos. Fruto do projeto de pesquisa-ação participativa “Urihi a temi: Saúde e meio ambiente na TI Yanomami”, envolvendo pesquisadores Yanomami e suas comunidades, a obra apresenta uma coletânea de textos produzidos entre 2021 e 2023, visando trazer à luz a experiência e a interpretação indígena do processo de invasão garimpeira. Na resenha, examino alguns dos principais testemunhos apresentados na coletânea, mostrando como, através de uma miríade de detalhes que são resultado da liberdade metodológica concedida à pesquisa Yanomami, a obra explora as consequências devastadoras da exploração e da degradação ambiental causada pelos garimpos, oferecendo como resultado uma etnografia coletiva que é também uma mediação entre mundos.

**Palavras-chave:**

Yanomami; invasão garimpeira; luta indígena; pesquisa participativa; etnografia coletiva.

## Abstract

This review analyzes the work *Diários Yanomami: Testemunhos da destruição da floresta*, organized by Corrado Dalmonego, Estevão Senra and Alcida Ramos. A product of the participatory action-research project “Urihi a temi: Saúde e meio ambiente na TI Yanomami”, involving Yanomami researchers and their communities, the work presents a collection of texts produced between 2021 and 2023, aiming to bring to light the indigenous experience and interpretation of the process of illegal mining invasion. In this review, I examine some of the main testimonies presented in the collection, showing how, through a myriad of details resulting from the methodological freedom granted to Yanomami research, the work explores the devastating consequences of the exploitation and environmental degradation caused by illegal mining, offering as a result a collective ethnography that is also a mediation between worlds.

**Keywords:**

Yanomami; illegal mining invasion; indigenous fight; participatory research; collective ethnography.

## Resumen

Esta reseña analiza la obra *Diários Yanomami: Testemunhos da destruição da floresta*, organizada por Corrado Dalmonego, Estevão Senra y Alcida Ramos. Producto del proyecto de investigación-acción participativa “Urihi a temi: Saúde e Meio Ambiente na TI Yanomami”, en el que participan investigadores Yanomami y sus comunidades, la obra presenta una colección de textos producidos entre 2021 y 2023, con el objetivo de visibilizar la experiencia e interpretación indígena del proceso de invasión minera ilegal. En esta reseña, examino algunos de los principales testimonios presentados en la colección, mostrando cómo, a través de una miríada de detalles resultantes de la libertad metodológica otorgada a la investigación Yanomami, la obra explora las devastadoras consecuencias de la explotación y la degradación ambiental causadas por la minería ilegal, ofreciendo como resultado una etnografía colectiva que es también una mediación entre mundos.

**Palabras clave:**  
Yanomami; invasión  
minera ilegal;  
lucha indígena;  
investigación  
participativa;  
etnografía colectiva.

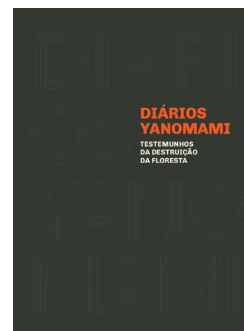
Não devastamos a floresta, que é nossa de verdade. De fato, ela não é algo separado de nós, que a habitamos: os Yanomami moram em casas, os animais na mata, os peixes nos rios, as árvores sobem do chão, os peixinhos dos igarapés; nas serra vivem os nossos alter-egos (*rixí pë*), onde também moram os espíritos auxiliares (*xapíri pë*) dos xamãs. Pensamos assim, por isso, não maltratamos esses seres. Omama, depois de criar a floresta, entregou-a a nós, Yanomami. Ela está sob nosso cuidado e, por isso, não a destruimos. Nós não mexemos com os minérios ocultos no subsolo. Eles estão escondidos de propósito. Não conhecemos as coisas que foram postas nas profundezas da terra, não pensamos nas outras coisas que podem estar lá e nem sabemos os nomes de tais coisas. Só conhecemos o que está claramente à vista. Omama não explicou: “escondi materiais poderosos embaixo da terra para os retirarem de lá”, por isso, não devemos extraí-los.

*Diários Yanomami*

Esta resenha foi iniciada em uma oficina de proteção territorial promovida pelo Ministério dos Povos Indígenas na região da Maloca Paapiú, durante o processo de desintrusão da Terra Indígena Yanomami (TIY), em dezembro de 2024. Enquanto aviões e helicópteros sobrevoavam as nossas cabeças, trocávamos com os Yanomami orientações e protocolos para que eles pudessem colaborar nas ações das forças de segurança do Estado e realizar a vigilância de seu próprio território em segurança. À noite, depois do encerramento das atividades, quando desligávamos o gerador de energia que abastecia nosso acampamento, era possível ouvir o ronco dos motores do garimpo no rio Couto de Magalhães.

É justamente sobre os impactos do garimpo ilegal no território Yanomami que trata o livro organizado por Corrado Dalmonego, Estevão Senra e Alcida Rita Ramos, *Diários Yanomami: testemunhos da destruição da floresta*. Resultado do projeto de pesquisa-ação participativa intitulado *Urihi a temi: Saúde e Meio Ambiente na TI Yanomami*, envolvendo pesquisadores yanomami e suas comunidades, a obra apresenta uma coletânea de textos produzidos entre 2021 e 2023, visando trazer à luz a experiência e a interpretação indígena do processo de invasão garimpeira. O título do projeto mobiliza duas ideias fundamentais para os Yanomami: *Urihi a*, “terra-floresta”, e *temi*, condição de bem-estar. O que os textos da coletânea testemunham é justamente que, quando a terra-floresta é devastada, todos os seres que nela habitam, inclusive os Yanomami, têm sua condição de bem-estar seriamente ameaçada.

Como nos explica Davi Kopenawa em *A Queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*,



DALMONEGO, Corrado; SENRA, Estevão; RAMOS, Alcida (org.). **Diários Yanomami: testemunhos da destruição da floresta**. São Paulo: Instituto Socioambiental/ Hutukara Associação Yanomami, 2024.

O que eles chamam de natureza é, na nossa língua antiga, *Urihi a*, a terra-floresta, e também sua imagem, visível apenas para os xamãs, que nomeamos Urihinari, espírito da floresta. [...] Os *xapiri* tem amizade pela floresta porque ela lhes pertence e os faz felizes. Os brancos acham bonita a natureza que veem, sem saber por quê. Nós, ao contrário, sabemos que a verdadeira natureza é tanto a floresta como as multidões de *xapiri* e seus habitantes (Kopenawa; Albert, 2015, p. 357).

Conforme conta Dalmonego na “Apresentação” de *Diários Yanomami*, a oficina de abertura do projeto de pesquisa-ação *Urihi a temi*, que aconteceu em 2021 na região do médio rio Catrimani (TIY), deixou evidente que um esquema rigoroso de projeto aos moldes acadêmicos convencionais não conseguiria dar vazão à qualidade e veemência dos discursos yanomami, tampouco àquilo que os próprios pesquisadores indígenas esperavam construir com sua pesquisa. Revirando e rearranjando os métodos malinowskianos de fazer etnográfico, como historicamente o vem fazendo os Yanomami (vide *A queda do céu*), a obra em questão convida a conhecer um pouco da realidade yanomami sem a mediação hierárquica própria à “situação etnográfica” (ALBERT, 2014).

Assim, através de formas diversas de coletas de dados, que consideram sobretudo a proteção ao anonimato dos entrevistados e sua segurança física e espiritual, os pesquisadores puderam ter maior liberdade para registrar as informações. Em alguns casos, foi apropriado o uso da escrita livre após a escuta atenta de relatos, de forma a evitar expor o projeto. Em outros, apenas o reforço ao caráter político das informações coletadas e a explicação de que elas serviriam para, por exemplo, cobrar dos poderes públicos melhorias no atendimento de saúde aos Yanomami eram o necessário para mobilizar a colaboração dos interlocutores com a pesquisa.

A demanda para que a pesquisa *Urihi a temi* se tornasse um livro que contasse a história dos Yanomami para as novas gerações, e não apenas mais uma qualificação de denúncia a ser enviada às autoridades estatais, partiu dos próprios pesquisadores indígenas. Foram também eles que, se apropriando da pesquisa, explicitaram a necessidade de compartilhar com todos de sua comunidade as atividades em que estavam envolvidos, mostrando a relação de mútua confiança que se estabelecia entre os parentes.

O livro se divide em sete capítulos. Exceto pelos dois primeiros, “Apresentação” e “Notas sobre a tradução”, em que os organizado-

res contam a respeito da pesquisa que originou o livro, cada um dos capítulos seguintes é intitulado conforme o pesquisador yanomami que coletou aquelas informações, sendo eles Mozarildo Yanomami, Alfredo Himotona, Darysa Yanomami, Josimar Palimitheli e Márcio Hesina. Nos subtítulos, são descritos os métodos utilizados pelos pesquisadores, entre diários, entrevistas, depoimentos e notas. Todas as narrativas são apresentadas em versão bilíngue, na língua nativa do pesquisador e em português, uma estratégia dos organizadores para tentar “amenizar a traição inerente à tradução” (Dalmonego; Senra; Ramos, 2024, p. 21).

Em seus diários, Mozarildo Yanomami compartilha relatos baseados na sua própria experiência e em conversas com outros. Nos primeiros subcapítulos, ele conta o que significa essa pesquisa para os Yanomami e explica suas intenções e métodos. Antes de passar ao relato dos problemas, Mozarildo faz um desabafo e questiona o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, se este tem ideia do sofrimento que causou aos Yanomami. Ele pede aos “amigos brancos” que cobrem a retirada dos garimpeiros da TIY, de forma que, fazendo referência ao barulho dos motores do garimpo, o silêncio possa retornar à sua terra e os Yanomami possam descansar novamente.

Mozarildo relata diversos efeitos nefastos do garimpo no território yanomami. Dentre eles, alguns dos mais impressionantes são aqueles que contam sobre os abusos sofridos pelas mulheres. Comida, perfumes, roupas, bebidas alcoólicas e até mesmo ouro são alguns dos muitos itens oferecidos pelos garimpeiros em troca de relações sexuais com as indígenas. Itens que podem ser oferecidos diretamente às moças que se aproximam dos garimpos ou aos seus pais, líderes de comunidades e até mesmo aos mais jovens. O álcool, por sua vez, consumido como bebida na “cachaça” ou inalado através da gasolina (história relatada no subcapítulo “Crianças tomam gasolina”, (Dalmonego; Senra; Ramos, 2024, p. 137), tem gerado um aumento exponencial da violência dentro das comunidades.

O capítulo de Alfredo Himotona reúne uma série de entrevistas realizadas pelo autor em diferentes localidades da TIY. As entrevistas trazem detalhes particulares da convivência e da dependência gerada pelos garimpos, como conta U. Y., um jovem da região de Torekei:

Para nós, jovens, os garimpeiros já chegaram perto, por isso eles nos pagam pelo uso da floresta com espingardas, cartuchos, celulares, placas solares, baterias. Só nos falta a internet, mas temos

celulares, então vamos para [os garimpos] onde há internet para podermos nos comunicar. De lá, perguntamos sobre a saúde dos parentes, sobre os que sararam, sobre a volta deles. Porque não queremos ficar sem notícia e queremos ser como os brancos. [...] Sabemos muito bem que, por causa da epidemia provocada pelos garimpeiros, todos nós, Yanomama, sofremos, mas precisamos de materiais e não conseguimos pensar de outra forma; não temos outra fonte de suprimentos de facões, machados, espingardas, cartuchos, lanternas, pilhas, limas, panelas, redes, mochilas, espelhos, sandálias, lençóis, tesouras. Pegamos coisas assim com os garimpeiros, por isso alguns Yanomama fazem amizade com eles (Dalmonego; Senra; Ramos, 2024, p. 171-173).

Igualmente cheio de detalhes são os depoimentos de mulheres coletados por Darysa Yanomami. N. Y., por exemplo, conta sobre a degradação ambiental causada pelos garimpos e como agora os peixes ficaram com os olhos lamacentos devido à água poluída. Y. Y., líder da grande comunidade de Wahariki, reforça que eles não querem garimpeiros, a quem chamam de “queixadas” (*ware*), gente diferente dos Yanomami. Diz já saberem que depois que os garimpeiros destroem a floresta e desmatam grandes áreas, tudo fica muito quente. Os relatos de mulheres coletados por Darysa também lembram como, após a abertura da rodovia perimetral norte, os Yanomami começaram a ter muito mais problemas de saúde. Sarampo, catapora, malária, infecções intestinais e sexuais, doenças que até então não existiam entre eles, tornaram-se frequentes e causaram incontáveis mortes.

Os diários de Josimar Palimitheli trazem uma perspectiva diacrônica sobre a invasão garimpeira. Josimar retrocede até 2012, quando a floresta em que morava, bem adentro da TI Yanomami, na comunidade do Palimiú (região do rio Uraricoera), onde pouquíssimos não indígenas chegavam, ainda era saudável e farta em caça. Também os rios eram limpos e a pesca abundante. Os líderes pensavam que os garimpeiros nunca chegariam até ali. Mas eles chegaram. Chegaram como amigos, oferecendo barcos, motores, espingardas e tantos outros objetos, para que os Yanomami os deixassem passar pelo rio. Diziam que trariam os itens assim que voltassem de Boa Vista. Mas nunca traziam nada. Logo mais e mais garimpeiros chegaram. Instalaram suas balsas no rio e devoraram a floresta. E em 2017, o rio onde antes tomavam banho, bebiam água e pescavam se tornou sujo, com as águas barrentas, cheias de óleo diesel dos motores e com peixes de olhos esbranquiçados. Em pouco tempo os Yanomami do Palimiú passaram também a adoecer. Alguns pela água suja, outros pelas epidemias. Muitos da

comunidade de Josimar morreram. Ele conta que pouco tempo antes, eram 680 pessoas, mas agora não passavam de 590.

A região do rio Uraricoera, onde vive Josimar, é ainda um dos núcleos de mineração na TI. O rio foi apontado por estudo da Fiocruz (Vasconcellos *et al.*, 2022) como o mais contaminado pelo mercúrio na bacia do rio Branco, com níveis acima do permitido pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Alguns peixes carnívoros do rio Uraricoera possuem níveis tão altos de bioacumulação de metilmercúrio que não podem mais ser consumidos. Como se não bastasse, chegaram também as facções. Garimpeiros passaram a transitar pelo rio munidos de armamento pesado, como pistolas e fuzis. Um pouco acima do Palimiú as facções instalaram um pedágio, cobrando trinta gramas de ouro pela passagem. Aqueles que não pagavam eram mortos. Os Palimitheli foram impedidos de circular no rio onde sempre viveram, com medo de um encontro infeliz com membros de facções. A comunidade foi tomada por pânico e terror. Temendo por seus filhos, os pais já não dormiam mais. As cenas descritas por Josimar são estarrecedoras:

Palimiu, onde moramos, à uma da tarde de um domingo, 12 de junho. Descendo o rio, boiavam sacos de lixo cheios de latas de cerveja vazias. O cadáver já cheirando mal de um garimpeiro morto por outros garimpeiros descia pelo rio, empesteando o ar. A água suja continuou descendo da uma às seis da tarde, até anoitecer (Dalmonego; Senra; Ramos, 2024, p. 281).

Conforme narra Josimar, em 2021, a comunidade do Palimiú foi vítima de um ataque a tiros de garimpeiros. Na tentativa de se protegerem, criaram um grupo de vigilância indígena, os Jaguares. Pintaram o rosto de preto, montaram acampamento na margem do rio Uraricoera e ergueram uma barreira — um cabo de aço que cruza o rio de uma ponta a outra e dificulta a passagem de embarcações. Com o início das operações de desintrusão da Terra Indígena em 2023 e a desarticulação de muitos garimpos na região do rio Uraricoera, aos poucos o silêncio vem retornando à floresta do Palimiú. E os Palimitheli vêm recobrando seu sono e tranquilidade. Os Jaguares passaram a colaborar com as forças de segurança do Estado, ainda que ameaçados pelos garimpeiros. As águas do rio Uraricoera tornaram-se pretas novamente, sua coloração original.

O último capítulo do livro são as “Notas de uma pesquisa sobre o emagrecimento das crianças”, de Márcio Resina. O capítulo foi publicado após a morte do autor, que sofria de uma doença hepática e

faleceu durante a realização da pesquisa. Márcio realizou entrevistas na Casa de Saúde Indígena (CASAI) de Boa Vista e nas comunidades de Torekei e Sãiri. Os relatos narrados por Márcio dão conta do abandono na saúde pública enfrentado pelos Yanomami naquele momento e do sofrimento das famílias para conseguir alimentar suas crianças doentes. Conforme narram alguns entrevistados de Márcio, após o abandono de postos pelas equipes da saúde, em muitas localidades a única saída era pedir ajuda e remédio aos próprios garimpeiros.

Os testemunhos apresentados na coletânea expressam, através de uma miríade de detalhes, as consequências devastadoras da exploração e da degradação ambiental causada pelos garimpos. Além de disseminar os relatos dos povos da floresta, a obra concede liberdade metodológica à pesquisa yanomami, oferecendo como resultado uma etnografia coletiva que é também uma mediação entre mundos. Da destruição de caminhos à contaminação de rios, das doenças aos assassinatos, “os relatos viscerais de pessoas que há tempos habitam o vórtice do furacão” (Dalmonego; Senra; Ramos, 2024, p. 21) sedimentam a compreensão de que a morte da floresta é também o genocídio dos próprios Yanomami, uma vez que não se pode viver separado de algo que é intrínseco a si próprio. E, porque não haverá mais ninguém para segurar o céu, eles nos confrontam com a urgência da ação política.

## Referência

ALBERT, Bruce. “**Situação Etnográfica**” e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. *Campos - Revista De Antropologia*, 15(1), 129–144, 2014.

DALMONEGO, Corrado; SENRA, Estêvão; RAMOS, Alcida (org.). **Diários Yanomami: testemunhos da destruição da floresta**. São Paulo: Instituto Socioambiental/ Hutukara Associação Yanomami, 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VASCONCELLOS, Ana; SOUSA, Ciro; LIMA, Marcelo; OLIVEIRA, Marcos; FERREIRA, Sylvio; BASTA, Paulo. **Avaliação de Risco à Saúde Atribuível ao Consumo de Pescado Contaminado por Metilmercúrio na Bacia do Rio Branco, Roraima, Amazônia, Brasil**. Fiocruz, 2022.